

## Notas sobre o uso da mídia pelo intercambista africano em Roraima<sup>1</sup>

Abdulai Ismail SECA<sup>2</sup>  
Luís Francisco MUNARO<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo busca identificar o perfil do estudante de intercâmbio africano em Roraima. Ele se divide em três partes: uma primeira para definir o programa de intercâmbio de africanos na Universidade Federal de Roraima e o perfil majoritário do estudante objeto de estudo deste artigo; uma segunda para definir e discutir o perfil cultural e as formas predominantes de uso dos meios de comunicação pelos intercambistas africanos em solo brasileiro; e uma terceira para destacar alguns detalhes de sua vivência cultural em Roraima a partir do seu confronto com uma terra estrangeira. O artigo está fundamentado em questionários e entrevistas realizadas com intercambistas africanos no ano de 2016 e permite concluir que, muito embora a Internet seja a forma predominante de estabelecimento de vínculos e agremiações entre os africanos, elas não substituem os eventos esportivos e culturais onde se pode, de fato, negociar ou miscigenar ativamente práticas africanas e brasileiras.

**Palavras-chave:** intercâmbio em Roraima; estudante africano; UFRR; consumo de mídia; perfil socioeconômico.

### Introdução

Stuart Hall deixou reflexões importantes sobre a vivência cultural do negro, sobre a diáspora e sobre a condição existencial do estrangeiro. O estrangeiro, para o autor, está em processo de constante conflito com uma cultura no bojo da qual não nasceu, é afastado, desenraizado, e sua falta de raiz é aquilo que demarca um estigma. O negro diaspórizado, fora do seu continente de origem, está constantemente encurralado numa cultura nacional que tentou fragmentar sem sucesso o próprio continente africano. Hall sugere, a partir de experiências globais e multiculturais, uma inevitável subversão dos modelos culturais orientados pela nação, sobretudo com a emergência da União Europeia e das ambições neo-imperiais dos Estados Unidos (2003, p. 36).

A partir de 2015, contudo, temos assistido uma severa crise política e econômica global que nos mostrou quanto espaço existe para um retorno ao nacional como um ponto originário, auto-subsistente, uma Idade de Ouro. Exemplos recentes disso foram as perseguições a imigrantes no Brasil<sup>4</sup> e na Europa<sup>5</sup>, os discursos de Donald Trump<sup>6</sup> e da Klu

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Economia da Universidade Federal de Roraima. E-mail: abdulaiseca@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: luismunaro@ufr.br

<sup>4</sup> <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/refugiados-relatam-casos-de-exploracao-no-trabalho-racismo-e-xenofobia-no-brasil.html>. Acesso em Abr/2016.

<sup>5</sup> <http://oglobo.globo.com/mundo/cacadores-de-refugiados-reacendem-debate-sobre-xenofobia-na-europa-19081601>

<sup>6</sup> <http://www.economist.com/blogs/democracyinamerica/2015/07/donald-trumps-xenophobia>. Acesso em Abr/2016.

Klux Klan,<sup>7</sup> o acendimento de um debate global sobre o protecionismo econômico e cultural,<sup>8</sup> a saída do Reino Unido da União Europeia,<sup>9</sup> dentre uma série de outros eventos que indiciam a retomada conservadora de territorialidades que ganharam consistência sobretudo no século XIX.

No que concerne ao Brasil, o debate se encontra acalorado e chegou mesmo a reviver o discurso caricatural de alguns movimentos separatistas, sobretudo no Rio Grande do Sul,<sup>10</sup> São Paulo<sup>11</sup> e Pernambuco.<sup>12</sup> Estes discursos, em geral, apresentam as vantagens do fechamento das fronteiras, dentro de uma concepção purista e um tanto quanto ingênua da cultura como um sistema fechado e imune à miscigenação. As fronteiras do Brasil, ao mesmo tempo, têm recebido uma grande variedade de migrantes de zonas de guerra ou de miséria econômica como Síria, Nigéria, Haiti e Venezuela.<sup>13</sup> A paisagem de algumas localidades, ainda no ano de 2015, se viu mudada com o afluxo desses estrangeiros: no Acre, zona de passagem dos haitianos, em Roraima, no extremo Norte do país, com o afluxo de venezuelanos, em São Paulo, os migrantes islâmicos que passaram a procurar espaço nas mesquitas.<sup>14</sup>

Tendo como pano de fundo essa disputa cultural em torno das fronteiras e a tentativa de estabilizar e dar um contorno conservador à cultura nacional, este estudo busca identificar uma situação específica de migração para o Brasil, quer dizer, a de estudantes africanos em Roraima. Seu foco central é o intercâmbio estudantil de africanos fomentado pelo Estado brasileiro a partir de programas específicos, que partem do pressuposto de que a paisagem cultural nacional sairá enormemente enriquecida com a circulação desses indivíduos. O artigo será dividido em três partes: uma primeira para definir o programa de intercâmbio de africanos na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e o perfil majoritário do estudante objeto de estudo deste artigo; uma segunda para definir e discutir o perfil cultural e as formas predominantes de uso dos meios de comunicação pelos intercambistas africanos em Roraima; e uma terceira para destacar o seu perfil midiático, suas formas de criar redes, estabelecer

<sup>7</sup><http://www.dailymail.co.uk/news/article-3667563/Ku-Klux-Klan-dream-U-S-comeback-group-marks-150-years.html>. Acesso em Abr/2016.

<sup>8</sup> <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/o-fragilizado-liberalismo-no-mundo/>. Acesso em Abr/2016.

<sup>9</sup> <http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887>. Acesso em Abr/2016.

<sup>10</sup><http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/apos-20-anos-movimento-o-sul-e-o-meu-pais-volta-a-se-organizar-7jzxgixm9hzh5d9g0y897cc3y>. Acesso em Acesso em Abr/2016.

<sup>11</sup> <http://www.jcnet.com.br/Geral/2016/07/grupo-pede-a-separacao-de-sao-paulo.html>. Acesso em Acesso em Abr/2016.

<sup>12</sup>[http://www.brasilpost.com.br/2016/07/02/separatismo-brasil\\_n\\_10778274.html?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004](http://www.brasilpost.com.br/2016/07/02/separatismo-brasil_n_10778274.html?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004). Acesso em Acesso em Abr/2016.

<sup>13</sup> <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em Acesso em Abr/2016.

<sup>14</sup> <https://nacoesunidas.org/um-recomeco-para-os-refugiados-sirios-no-brasil/>. Acesso em Acesso em Abr/2016.

contatos e, principalmente, consumir mídia mantendo seus vínculos imaginados com a África e o seu confronto com o Brasil na condição de estrangeiros.

Roraima, onde está localizada a UFRR, teve seus três primeiros títulos de jornais impressos na década de 1910 (MUNARO e ZOUEIN, 2016). Nesses jornais se pode ver com um pouco de nitidez o intercâmbio étnico que já começava a acontecer com as culturas negras da Guiana. No discurso dos jornais, contudo, esse intercâmbio aparecia como um perigo para a identidade cristã que os monges beneditinos estavam tentando construir no local. Os jornais, autointitulados porta-vozes de uma civilização onde residia um sentimento de urbanidade, recomendavam melhores costumes, práticas monogâmicas, e mesmo sugeriam ao leitor que evitasse o contágio com práticas tribais ou místicas, às quais tanto os negros quanto os indígenas vinham associados. Ainda que, portanto, Roraima tenha sido atravessado por uma enorme simbiose cultural característica de zonas fronteiriças, isso não está claro para a sua própria população. Não é nosso objetivo abordar o histórico dessa simbiose, para o quê já existem vastos e competentes estudos, sobretudo no que concerne às décadas mais recentes, quando se tornou maior o afluxo de nordestinos em torno da busca por metais preciosos em Roraima (PEDROSO, 2016). Atualmente, no que diz respeito ao seu perfil étnico, Roraima é composta por 20,89% brancos, 6,03% pretos, 0,96% amarelos, 60,92% pardos e 11,18% indígenas (TOALDO, 2014, p. 88).

Este artigo pretende sim refletir o ingresso recente de uma nova categoria de migrantes, identificados como intercambistas africanos, que já moldam uma paisagem universitária de em torno de 75 indivíduos. O Programa Estudantil de Convênio de Graduação (PEC-G) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) começou a funcionar em 2001 e foi a origem do intercâmbio de estudantes da África e de outros países da América Latina. Além de buscar demonstrar a realidade do programa, este artigo verificará o perfil majoritário dos estudantes e identificará como eles mantêm os seus vínculos culturais com a África ou, sobretudo, como eles constroem redes de comunicação no Brasil. Os instrumentos utilizados para a condução deste estudo foram quantitativos (questionários) e qualitativos (entrevistas).

A redação foi o resultado de um diálogo entre dois estrangeiros em Roraima: um professor vindo do sul do país e um intercambista da Guiné-Bissau. Os autores se conheceram num dos conjuntos de quitinetes baratas que servem para recém chegados sem outras opções de moradia na cidade de Boa Vista. Tendo se conhecido há quatro anos, agora, já quando da conclusão do curso de graduação por um deles, decidiram trocar experiências relativas à

vivência em terras estrangeiras e ponderar os avanços culturais proporcionados pela experiência de intercâmbio.

### 1. O PEC-G e o estudante africano na UFRR

O site do Ministério das Relações Exteriores do Brasil informa que “o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece vagas de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação educacional, cultural ou científico-tecnológica”.<sup>15</sup> O mesmo site sugere que a ideia de criar um programa de Governo para receber estudantes estrangeiros no Brasil surgiu em 1965: os representantes de PEC-G em reunião regional de avaliação do Programa, sediada em Florianópolis-SC, lançaram naquele ano o primeiro Protocolo do PEC-G. Ao longo da última década, houve mais de seis mil selecionados no Programa. A África é o continente de origem da maior parte dos estudantes, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Na América Latina, a maior participação é de alunos do Paraguai, Equador e Peru. Já na Ásia, o Timor Leste responde pelo maior número de candidatos. Anualmente, ingressam no Programa cerca de 400 estudantes, enquanto apenas metade deles acaba, de fato, se formando.

O PEC-G, ainda segundo o MRE, busca a internacionalização e diversificação do cenário acadêmico brasileiro. Nesse sentido, não deixa de buscar uma orientação multicultural, como aquela definida pelo migrante Salman Rushdie: “o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, canções [...] é como a novidade entra no mundo” (apud HALL, 2003, p. 34). Durante sua estada no Brasil, nesse sentido, os intercambistas são incentivados a participar de eventos de divulgação da cultura e de demonstração da realidade de seu próprio país, como o Dia da África, celebrado em 25 de maio.

Como lembra o MRE, “depois de terminar o curso, o intercambista recebe o diploma com ementas escolares e históricos legalizados na missão diplomática brasileira do país onde se inscreveu no PEC-G, sem pagar nenhuma taxa adicional.” Dentre as principais exigências “estão não exercer atividade remunerada que configure vínculo empregatício ou que caracterize pagamento de salário ou honorários por serviços prestados.”<sup>16</sup> Nesse espectro de atividades, é permitida a participação do estudante em estágio curricular, atividades de pesquisa, extensão e de monitoria.

---

<sup>15</sup> <http://portal.mec.gov.br/pec-g>

<sup>16</sup> Ibid.

No que concerne à Universidade Federal de Roraima (UFRR), ela conta com cerca de 75 estudantes dentro do programa PEC-G. Dentre estes, 36 já são estudantes regulares e 39 estão no curso de português como língua estrangeira (PLE) se preparando para o Celpe Bras<sup>17</sup>. A UFRR começou a receber estudantes através deste convênio em 2001. Contudo, o processo se consolidou somente a partir de 2012, quando a UFRR recebeu 5 alunos africanos, e sobretudo em 2015 e 2016, quando a universidade recebeu respectivamente 27 e 41 alunos estrangeiros, boa parte deles proveniente da África. Trata-se, portanto, de um programa em processo de consolidação com aumento exponencial nos últimos anos.

Em 2012, chegaram 4 estudantes de Guiné-Bissau e um da Angola. Em 2014, chegaram um aluno de Bolívia (desistente), 5 do Benim (2 desistentes e 3 reprovados no Celpe Bras), 2 de Gana, um de São Tomé e Príncipe, um de Cabo Verde, um de Togo (desistente), um de Angola (desistente), 2 da Rep. Demo. Do Congo (2 reprovados no Celpe Bras), um da Rep. Do Congo, um do Haiti (direcionado para Paraíba). Em 2015, vieram 7 alunos de Benim (2 reprovados no Celpe Bras e 2 desistentes), 2 alunos do Togo, um aluno do Peru, 2 alunos da Rep. Dem. do Congo (um reprovado Celpe Bras), um da Costa do Marfim, 2 da Angola, 3 de Gana (3 reprovados Celpe Bras), um de São Tomé e Príncipe, um do Senegal (reprovado Celpe Bras), um do Quênia, 5 da Namíbia (um reprovado Celpe Bras). Já em 2016, foi recebido um aluno do Timor Leste; um da Guiné Bissau, tendo os 39 estudantes ainda em situação indefinida, cursando PLE para fazer o Celpe Bras. Os cursos em que estes universitários se encontram distribuídos são: Ciências Econômicas (6), Relações Internacionais (3), Engenharia Civil (4), Medicina (4), Administração (2), Ciências Contábeis (2), Direito (3), Ciências da Computação (2), Agronomia (1), Ciências Biológicas (1), Letras (1), Geologia (2), Comunicação Social (2).

Segundo foi possível apurar através dos 35 questionários distribuídos para os estudantes africanos, o principal fator que motivou a sua vinda para o Brasil foi a construção de perspectivas profissionais (68%). Nenhum deles respondeu ter sofrido pressão familiar para realizar o intercâmbio. Na maior parte das vezes, a mudança ocorreu sob circunstâncias financeiras periclitantes, tendo como real motivação o acréscimo de perspectivas econômicas. A faixa etária que concentra a maioria dos intercambistas (74%) é 18 a 24 anos e seu sexo predominante é masculino (74%). Todos os intercambistas que responderam o questionário são solteiros.

---

<sup>17</sup> Exame de proficiência em língua portuguesa (<http://celpebras.inep.gov.br/inscricao/>)

No que concerne à escolaridade dos seus pais, 20% disseram ter eles o ensino fundamental incompleto, 31% o fundamental completo, 25% o ensino médio e apenas 22% o nível superior. A situação das mães é similar: 25% com fundamental incompleto, 31% com fundamental completo, 17% com nível médio e 25% com nível superior. Nenhum dos intercambistas afirmou ter posses imobiliárias, veículos ou mesmo computador de mesa (desktop).

A renda familiar de 31% deles é, de forma estimada, até um salário mínimo (880 reais), 31% de 1 a 3 salários mínimos, 11% entre 3 e 5 salários mínimos e 8% acima de 5 salários mínimos. Em sua maior parte, portanto, são provenientes de famílias humildes e dependem de incentivos oficiais para continuar a condução dos estudos. Nesse sentido, é importante destacar que, num espectro nacional, este programa tem um índice de desistência relativamente alto, girando em torno de 50%. Quanto ao auxílio recebido da família, 14% deles afirmaram não receber qualquer auxílio, 17% recebem auxílio de até 300 reais, 40% entre 300 e 600 reais, e 28% acima de 600 reais. No que diz respeito ao auxílio governamental, apenas 11% recebem o auxílio oficial do PEC-G. Portanto, a maior parte depende de recursos da família ou de instituições no seu país de origem, que geralmente suprem apenas necessidades parciais de subsistência.

No que diz respeito à escolha do curso profissional que os motivou a vir para o Brasil, 57% conheceram-no através da internet, 17% através de jornais e apenas 5% através da televisão. O motivo principal para a escolha tem uma explicação vocacional: 57% deles julgaram ser o curso a porta de acesso para a profissão das suas vidas. 22% deles indicaram ser uma forma de preparo para o mercado e apenas 8% indicaram as perspectivas salariais, muito embora todos esperem do seu diploma uma via direta de acesso para melhores condições de vida.

## 2. Vida Midiática

Antes de destacar o perfil de consumo de mídia dos intercambistas, importa salientar que, em sua estrutura midiática atual, Roraima conta com 14 emissoras de rádio, 7 emissoras de televisão, 2 jornais impressos e 2 revistas impressas. A banda larga, inclusive, é uma tecnologia relativamente recente no Estado (2009). Os serviços ainda são monopolizados pela Operadora Oi. Mesmo assim, a Internet é a principal via pela qual os intercambistas africanos mantêm o seu contato com a África (77%). Apenas 5% disseram ler jornais e somente um disse ouvir rádio para obter informações sobre o seu país de origem. Além destes, 15% disseram assistir à televisão para manter o contato com a África.

A vida cotidiana dos intercambistas é orientada pelo estudo acadêmico. Dentre as leituras mencionadas, por exemplo, 42% alegaram ler apenas livros técnicos vinculados às necessidades específicas do Curso Universitário, enquanto ficção correspondeu a apenas 14% e autoajuda a 20%. Dentre outras formas de leitura estão revistas científicas (11%), revistas de celebridade (5%), revistas esportivas (8%), revistas de notícias (5%) e jornais estrangeiros (11%). No que diz respeito ao lazer, 40% dos estudantes afirmaram ser o futebol a sua principal forma de entretenimento no Brasil. Evidentemente, o futebol representa muito mais, para estes intercambistas, do que uma simples diversão: trata-se de uma oportunidade de criar vínculos, estabelecer amizades e trocar conhecimentos sobre a África. Na medida em que os próprios africanos em Roraima falam ao menos três línguas diferentes: francês, inglês e português, este contato mediado pelo futebol é particularmente importante: ele aproxima os africanos dos próprios africanos e também dos brasileiros de Roraima ou de outras localidades. Ajuda assim a criar espaços de familiaridade, interação, inserindo numa rotina física aquilo que, a priori, não poderia ser mediado pelo contato verbal.

Dentre outras formas de entretenimento, 5% disseram ir preferencialmente ao teatro, 11% ao cinema, 14% à praia, 11% a shows musicais e apenas um àquilo que se denomina, genericamente, balada. No que concerne aos hábitos culinários, 48% afirmaram preferir a pizza, 22% o arroz e feijão e 17% a lasanha. Em geral, os intercambistas não consomem sua comida típica pela falta de ingredientes com os quais poderiam executá-la. Para o intercambista da Guiné Onogifro Euclisio, por exemplo: “eu não sei cozinhar e as comidas típicas da Guiné são difíceis, não foram mais de cinco vezes que eu comi minha comida típica, mas isso não significa que eu perdi o sabor” (2016). A intercambista de São Tomé e Príncipe Maissa Sofia acrescentou: “Ah, e também a comida, sobretudo os ingredientes. Faço as comidas do meu país com os ingredientes daqui” (2016).

Quanto ao acesso ao mundo digital, 68% deles disseram ter um computador individual (notebook) e 31% deles afirmaram dividir o computador com outras pessoas. O acesso à Internet é o principal instrumento de interação entre os intercambistas e sua terra natal e também a sua principal fonte de informações, seja sobre a *homeland*, seja sobre a vida universitária brasileira. Como se viu, a internet de banda larga em Roraima é recente e possui sérias limitações. De todos os intercambistas, apenas 8% afirmaram possuir internet ADSL em casa. 40% dos intercambistas afirmaram usar a internet principalmente através do celular, por meio de tecnologia 3G. 22% deles afirmaram usar principalmente através do laboratório de informática da Universidade, 17% em locais públicos com Wi-fi e nenhum em lan house.

A frequência de acesso à Internet também é alta e, como se poderá ver, é uma das principais estratégias de criação de vínculos entre os africanos em Roraima e também de manutenção de contato com aqueles que ficaram na África. 45% dos intercambistas afirmaram utilizar a Internet por mais de 4 horas por dia, 14% até 4 horas por dia e apenas 20% responderam não utilizá-la todos os dias. Os conteúdos mais acessados são sites de busca como Google e Wikipedia (40%), seguido por redes sociais como Facebook e Twitter (34%), e-mail (14%) e sites de informação e entretenimento como blogs e portais (11%).

A navegação na Internet é majoritariamente orientada pelo site de busca Google, cujo uso é automático em celulares com sistema Android. Apenas 17% indicaram ter suas preferências de navegação afetadas diretamente por outras pessoas. Além da interação, informação e entretenimento, a Internet se verificou o principal instrumento de estudo para a maior parte dos intercambistas. 28% deles afirmaram usar a Internet como fonte única ou majoritária para pesquisas acadêmicas e 62% disseram usar majoritariamente a internet, mas buscar complementá-la sempre com outros recursos. Apenas 8% disseram preferir, de fato, outros recursos para além da Internet.

A pesquisa na Internet geralmente acontece da seguinte forma: 8% dos intercambistas disseram usar o primeiro site que encontram, 14% alegaram usar vários sites sem comparar informações entre eles, 60% alegaram usar vários sites selecionando as melhores opções, 5% disseram usar os sites mais famosos e 11% disseram usar apenas fontes acadêmicas. Assim, no que diz respeito ao recurso de pesquisa mais importante, em primeiro lugar está a Internet (54%), seguida por livros (25%) e jornais e revistas disponibilizadas pela biblioteca da Universidade (5%). No que diz respeito aos meios mais confiáveis, 42% indicaram os livros, 22% os documentos encontrados em arquivos históricos, 20% a internet, 14% as revistas e jornais, 8% a televisão, 5% os filmes, 14% as revistas e jornais.

Com relação a outras formas de mídia como televisão, 57% afirmaram não ver, 17% disseram ver na casa de amigos, 11% disseram ver canais abertos em casa e 11% canais digitais em casa. Dentre os programas mais assistidos estão os esportivos (28%). É bastante comum, inclusive, a cena dos intercambistas se reunindo para ver o futebol europeu, que geralmente opõe as preferências por Real Madrid e Barcelona. Essa cena pode ter espaço nos bares próximos da universidade, onde reside a maior parte dos intercambistas, quanto nas residências dos universitários. O segundo tipo de programação mais vista foram os telejornais (14%), enquanto apenas 8% afirmaram assistir a telenovelas brasileiras e um a programas religiosos.



A forma predominante de se relacionar com filmes é através de conteúdos baixados pela internet e repassados de mão em mão através de pen drive (62%). Apenas 14% afirmaram assistir a filmes pela televisão e um afirmou não assistir a filmes. Dentre os filmes favoritos, 37% afirmaram preferir os filmes de ação, 22% as comédias, 14% os dramas, 11% os filmes históricos e 8% os de suspense ou terror. O dispositivo móvel se revelou fundamental para acessar conteúdos culturais originados da África. O Youtube e o Google são os sites mais acessados pelos intercambistas, abrindo espaço direto para conteúdo cultural e informações. A qualidade precária da Internet e a restrição dos espaços com Wi-fi torna, contudo, esse acesso menos dinâmico do que poderia ser.

### 3. Um pouco da vivência africana em Roraima

Uma vez definido o programa de intercâmbio do africano em Roraima, seu perfil socioeconômico e suas principais formas de acesso à cultura, podemos retomar aqui Stuart Hall e tentar visualizar mais diretamente o problema das apropriações culturais que a cultura negra faz da cultura brasileira e vice-versa – sendo o nosso objetivo identificar um pouco da vivência do africano em Roraima, abrindo caminhos para se perceber algumas das formas de reconstrução da África no imaginário dos intercambistas. Ainda que o intercâmbio não seja um processo de diáspora propriamente dito, importa lembrar como o repertório negro é reconstruído no estrangeiro, a partir de um *estilo*, aquilo que, segundo S. Hall, os críticos chamam de embalagem; em segundo lugar, ainda para Hall, “como a diáspora negra tem [...] encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música” (p. 324). Além da embalagem e da música, Hall ainda menciona o corpo, quer dizer, “pensem em como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos” (Ibid.)

Segundo o intercambista Michel Loembet, uma das principais formas de reconstruir a identidade africana no Brasil está na apresentação social de cada indivíduo, quer dizer, na moda que os africanos tentam manter, usando roupas folgadas com cores vistosas. Além da indumentária, para ele, “a música é o meio mais fácil de mostrar a cultura do país”. Como forma de reunir os africanos em torno de sua identidade cultural numa terra estrangeira, eles utilizam o “Dia da África”, já que “uma pessoa sozinha não tem condições de fazer essa divulgação cultural” (LOEMBET, 2016). Noutras palavras, a dinâmica cultural se apresenta nas coletividades, nos encontros, sobretudo aqueles que têm como espaço a própria universidade. Nela, é possível mostrar os vários matizes da cultura africana, constantemente percebida no Brasil como um imenso balaio, ainda que um balaio uniforme, apenas alegre,

místico e apolítico. Sem dúvida a Internet apressa estes vínculos, através de grupos de whatsapp, fanpages e outras formas de conteúdo compartilhado. Ainda assim, para Michel, estão longe de conseguirem representar a riqueza das trocas elaboradas em espaços como a universidade, as residências, os bares e as igrejas.

Para o estudante de relações internacionais Onogifro Euclisio (2016), proveniente da Guiné, a principal forma de reconstruir a cultura africana no Brasil é a forma de apresentação, através das suas roupas, seguidas por festas com músicas. Nesse sentido, ele não se afasta da via apontada por Michel e por Stuart Hall, segundo a qual a embalagem, o estilo e a música constituem aspectos nucleares da reconstrução da cultura negra fora da África. Onogifro também apontou o Dia da África, em 25 de maio, como uma data fundamental para reforçar a identidade crioula e fornecer à sociedade local a oportunidade de conhecer alguns dos costumes culturais africanos. Ainda segundo Onogifro, quando existe a oportunidade, ele se comunica através da língua crioula com outros intercambistas africanos.

Quanto à manutenção e reforço de um vínculo cultural com a África, ele se dá principalmente através de conteúdo acessado por meio de Internet no dispositivo móvel. O conteúdo baixado pelo Youtube é sobretudo musical, mas também compreende outras formas de apresentação artística. Onogifro afirma que “meu vínculo cultural com a África nunca vai acabar. Eu posso ir para qualquer lugar do mundo, e sendo a cultura a arte de um povo, isso como que me determina e vou levar para onde eu for” (2016). Ainda que, para ele, o confronto com a cultura de Roraima em particular tenha sido relativamente difícil, por conta de práticas culturais bastante diferentes, ele considera o seu processo de adaptação satisfatório.

A estudante de São Tomé e Príncipe, Maissa Sofia, também mencionou as dificuldades de adaptação e a distância cultural da vivência cotidiana em Roraima da sua vivência africana. Ela afirmou que “é difícil manter a cultura africana aqui no Brasil, porque em primeiro lugar há muita diferença” (2016). Segundo ela, vínculos importantes com a África são mantidos através do acesso e do compartilhamento de conteúdo musical no Youtube, através das roupas trazidas de casa e das festas com músicas e danças específicas em que se pode perceber a variedade cultural da África. Os eventos musicais e dançantes e os eventos esportivos ajudam assim a dar um contorno fundamental para a experiência africana no estrangeiro. Eles permitem a reunião dos intercambistas e o reforço dos seus vínculos em torno de uma nostalgia com relação à *homeland*, que nunca é homogênea, mas encontra entre eles algumas qualidades em comum principalmente na música, vestuário e nos esportes.

A vivência cultural do africano em Roraima, como se afirmou, não é desprovida de conflitos. Dentre os entrevistados, houve o relato de dificuldades interpostas em sua sociabilidade cotidiana por conta da coloração de pele. Para um estudante de Benim, que pediu para não ser identificado:

o preconceito é o cotidiano do africano aqui. Você vivencia isso e não sabe o que fazer. Pessoalmente eu vivi e vivi várias vezes, entendeu? Tanto no curso, quando fora dele [...] Quando eu cheguei aqui, primeiramente, já no início, no RU (restaurante universitário), no Curso [...] Aqui na Universidade eu fiz um estágio e o cara me falou assim: ‘o perfume que você usa não é um bom perfume. Você tem que usar um perfume brasileiro, porque aí o cheiro é bom, porque com esse cheiro não dá’ [...] Ele também me disse que eu precisava arrumar aquelas roupas, vestir roupas brasileiras, então fui comprar duas camisas para mim e ele diz que eu precisava me arrumar corretamente. Lá no meu curso, ultimamente, eu tive uma discussão sobre a civilização e ouvi um professor, não um professor do curso [...] e ele disse: ‘lá na África você não come macaco, não? Porque eu conheço pessoas que comem macaco na África’. Eles não sabem como é lá. O que dói mais é que eles não têm essa vontade de pesquisar, de conhecer, eles só criam um reforço para as ideias que já têm, não querem sair do mundo deles. E isso dói, dói mesmo. Tem também os caras que te chamam e começam a te ameaçar. Tem tantas coisas [...]

Estas circunstâncias, ele acrescenta, favorecem a construção de comunidades mais fechadas, fenômeno intensificado pelo detalhe da variedade linguística africana. Uma intercambista no curso de medicina, que também pediu para não ser identificada na construção do artigo, mencionou em entrevista que em trabalhos comunitários relativos ao seu curso, mesmo com ela dominando a língua portuguesa, “todo mundo se comunicava e eu ficava sempre de fora. Nas discussões, ninguém me dava atenção ou valorizava o que eu falava”.

Para ela, as dificuldades de vivência e experimentação da cultura africana no Brasil são variadas e se sedimentam numa série de censuras implícitas: “O preconceito nem sempre é algo que fica bem explícito, vem de muitas formas. É muita situação desagradável que não consigo traduzir por palavras. Às vezes tem só um olhar”. Para a mesma acadêmica, é praxe entre os alunos da área de saúde atribuírem à África a condição de um estado desolado, preenchido por doenças e miséria sem fim: “O pessoal aqui, a educação deles, o que tem de África é que lá só tem pobre e doença, principalmente no curso de medicina. Todas as piores doenças, os piores vírus, tudo o que mata, tudo é África, tudo, não tem uma coisa que não tem na África.”

A impressão é a de que o africano, um indivíduo vindo de um continente longínquo, a-civilizado, preenchido por uma natureza esmagadora, surge como um holograma, já que seu interlocutor brasileiro, dentro ou fora da universidade, não sabe o que significa a África.

A mesma estudante sugere que “eles pensam que a gente vem aqui caindo de paraquedas, sem saber de nada, não dá nem pra comparar Boa Vista com África, porque aqui seria o paraíso. Na África não é mais quente? Na África tu nunca pegou uma doença? (sic)”

Estas experiências não traduzem a variedade da interação do intercambista africano no Brasil, já que, a rigor, um dos autores deste trabalho nunca foi confrontado com uma situação real de depreciação social por conta de raça. Contudo, sem dúvida, exprimem uma dificuldade derivada da variedade destas culturas africanas e também da variedade dos cursos e dos nichos em que elas estão imbricadas no Brasil. Há locais em que há maior tolerância à diversidade e locais em que se incrustou uma determinada percepção negativa não somente do africano como também de outros estrangeiros como venezuelanos.

No geral, os estudantes parecem, como Yannick Dimon, tentar seguir uma postura alheia ao comentário racial, que não prejudica a variedade de sua vivência na universidade. Vários deles não perceberam alguma forma de depreciação. Outros se depararam com situações bastante conflitivas, em que sua presença em algum local foi confundida com a intenção de prática delituosa. Houve mesmo relatos de constrangimento durante pedidos de informação em locais públicos.

A despeito dessa ambiguidade, dessa aceitação/rejeição, visível numa região de intenso trânsito e com hábitos ainda provincianos, ela mesma predominantemente miscigenada, os estudantes conseguem construir satisfatoriamente seus vínculos no Brasil e manter um contato permanente com a África. Eles perpetuam uma cultura musical e sentem que, como no caso de artistas populares como Ze Manel, Anselmo Ralph e P Square elas são mesmo mimetizadas e seguidas pelos próprios brasileiros. Pode-se mesmo dizer que há brasileiros de Roraima que se sentem identificados pela apresentação visual dos africanos (as roupas coloridas e o cabelo “black power”), a cultura musical e a cultura da dança, passando a frequentar os seus círculos e oferecendo subsídio para a construção de suas datas comemorativas. Quer dizer, noutras palavras, que a experiência com esse grupo de intercambistas não permitiu identificar nenhum padrão estático de interação, para além do truísmo de que a Internet é a principal mediação para os africanos no Brasil. Ela catalisa os contatos entre eles através de grupos, permite a compilação de material cultural africano através do compartilhamento, bem como permite a divulgação de material produzido por eles no Brasil. Contudo, ela é o suporte de uma série de vivências que encontram espaço na universidade, nas residências, nos bares e nas igrejas. Ela catalisa agremiações sem nunca substituí-las. Ao mesmo tempo, permite um reforço de laços com as experiências africanas,

suas manifestações musicais e dançantes, seus próprios blogueiros e vlogueiros, comentaristas políticos e programas de humor. Por fim, pode-se afirmar que ela é um instrumento de mediação fundamental, mesmo entre famílias de estrato mais humilde que permaneceram na África e seus descendentes que vieram completar os estudos no Brasil.

### **Considerações finais**

Os intercambistas africanos receberam um espaço nas universidades brasileiras por conta de uma convicção, de caráter também existencial, de que a circulação de elementos estrangeiros enriquece e dinamiza uma cultura nacional. Estes intercambistas geralmente decidem vir eles mesmos para o Brasil com a perspectiva de aumentar o seu horizonte profissional e cultural através de programas construídos pelo governo brasileiro. Em geral, possuem condições financeiras bastante modestas e dependem de incentivos para sobreviver no Brasil, não podendo sequer assumir vínculos empregatícios.

A transição cultural da África para o Brasil é um processo conflituoso: os intercambistas muitas vezes sofrem e demoram para se adaptar, dependendo sobretudo do lugar da África de que provém, considerando que há uma enormidade de variáveis tanto entre os países africanos como entre os estados brasileiros que recebem estes migrantes temporários. No geral, eles criam vínculos entre si e se solidarizam, montando uma experiência africana comum no Brasil através da dança, da música, do esporte e da culinária. Também a religião, aspecto não abordado neste artigo, fornece um espaço estratégico para as trocas culturais entre Brasil e África, já que, na maior parte dos casos, deriva de um pano de fundo comum cristão, e em alguns casos islâmico.

Dado seu caráter estatístico, de mapeamento geral dessa comunidade de intercambistas, este estudo careceu de um aprofundamento sobre os detalhes da vivência cultural dos africanos em Roraima. Essa vivência, certamente, extravasa os espaços universitários e constitui fonte de estímulo para intercâmbios culturais e para a transformação de práticas culturais do morador de Roraima. Sobre este importante e profícuo tema de estudos, contudo, esperamos ter deixado apenas sugestões, dada a limitação de espaço de um só artigo.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, Elizangela Pedroso da Silva. **Identidade garimpeira na década de 1980 por colonistas de jornais roraimenses**. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR. Boa Vista, 2016.

EUCLISIO, Onogifro. Entrevista realizada em 15 de junho por Abdulai Ismail Seca (2016).

DIMON, Gérald Eyitayo Yannick. Entrevista realizada em 15 de junho por Abdulai Ismail Seca (2016).

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOEMBET, Michel Andy. Entrevista realizada em 15 de junho por Abdulai Ismail Seca (2016).

MUNARO, Luís e ZOUEN, Maurício. “Os jornais do Rio Branco e o projeto de civilização na vila de Boa Vista”. Apud. MUNARO, Luís (org.) **Rios de Palavras**. A imprensa nas periferias da Amazônia. Boa Vista, 2016. No prelo.

SOFIA, Maissa. Entrevista realizada em 15 de junho por Abdulai Ismail Seca (2016).

TOALDO, Mariângela et all (org.) **Brasil em números**. Dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais. Florianópolis: Insular, 2014.